



FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DA ALDEIA BORORO

Marilene Marzari¹

RESUMO: Esta produção tem como objetivo relatar uma experiência de formação continuada sobre alfabetização, na perspectiva do letramento, com os professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental na Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus, localizada na Aldeia Meruri, no Município de General Carneiro/MT. A formação contou com a parceria de três instituições de Barra do Garças/MT, a Faculdade Cathedral, o Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS/UFMT - e o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica – CEFAPRO - que articulou no Projeto “Sala de Educador” um calendário mensal de estudo. A formação priorizou discussões sobre alfabetização na perspectiva do letramento, confecção de recursos didático-pedagógicos, contação de histórias, artes, entre outros, perfazendo uma carga-horária de sessenta horas, quarenta e oito das quais foram presenciais e dezesseis a distância. Das presenciais, trinta e seis ocorreram na Aldeia Meruri, geralmente, uma vez ao mês, e doze nas dependências da Faculdade Cathedral. Os resultados do projeto foram positivos, no sentido de ter contribuído para que os professores recriassem suas práticas de alfabetização e se sentissem mais confiantes, otimistas e motivados em relação a esse processo. Durante os encontros formativos, os professores relatavam que as crianças se motivavam mais em aprender, quando faziam uso de histórias, de teatro, de jogos e de atividades diversificadas. Além disso, esses encontros aproximaram mais os profissionais que atuam na própria escola dos demais profissionais e instituições envolvidos no projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Continuada. Alfabetização. Aldeia Bororo.

CONTINUING EDUCATION FOR TEACHERS FROM BORORO VILLAGE

ABSTRACT: This paper aims to describe an experience of continuing education on literacy from the perspective of the literacy, with teachers working in early years of elementary education at Sagrado Coração de Jesus State School, located in the Meruri Village in the City of General Carneiro / MT. The training had the partnership of three institutions from Barra do Garças / MT, Faculdade Cathedral, Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS / UFMT, and Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica - CEFAPRO - which articulated the Project "Educator's Room" a monthly calendar of study. The formation prioritized discussions on literacy from the perspective of the literacy, the preparation of teaching-learning resources, storytelling, arts, among others, making a load-time of sixty hours, forty-eight of which were in the classroom and sixteen distance. From the classroom, thirty-six hours occurred in the Meruri Village usually once a month, and twelve at Faculdade Cathedral. Project results were positive in the sense of having contributed to the teachers to

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC. Docentes nos Cursos de Licenciatura do Campus Universitário do Araguaia/UFMT. E-mail: marilenemarzari@uol.com.br



recreate their literacy practices and feel more confident, optimistic and motivated in relation to this process. During the formative meetings, teachers reported that children are more motivated to learn when they made use of stories, theater, games and diversified activities. In addition, these meetings put the professionals who work at the school closer to other professionals and institutions that were involved in the project .

KEYWORDS: Continuing Education. Literacy. Bororo Village.

A ideia de desenvolvermos um projeto de formação continuada com os professores alfabetizadores da Aldeia Meruri/MT surgiu de um encontro com os profissionais da escola, em 2011, quando desenvolvíamos as atividades de professora formadora no Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica – CEFAPRO - e participávamos de uma ação formativa, na referida aldeia, para discutir as teorias psicológicas, mais especificamente, a Psicogênese de Henry Wallon, que trata do desenvolvimento e da aprendizagem do ser humano, nos primeiros períodos da vida, ou seja, do nascimento até a adolescência.

Durante nossa estada na Aldeia Meruri, as professoras que atuavam nos anos iniciais do Ensino Fundamental solicitaram uma formação em alfabetização, justificando que sentiam a necessidade de recriar o modo pelo qual estavam alfabetizando as crianças. Diziam que as crianças estavam desmotivadas e aprendiam muito pouco e isso poderia estar diretamente relacionado com o método utilizado para alfabetizá-las. Esse ‘pedido de socorro’ foi protelado: por um lado, pela demanda de muitas outras ações a serem desenvolvidas no centro de formação e, por outro, porque resistíamos em discutir as questões que se referiam à alfabetização, principalmente envolvendo os professores das diferentes etnias indígenas. Mesmo assim, o pedido pela formação, envolvendo a alfabetização, ficou registrado em nossa memória e, com o passar dos meses, tornou-se cada vez mais intensa a necessidade de atender à solicitação daqueles profissionais.

O ano de 2012 chegou ao término e, no início de 2013, a ideia começou a ganhar consistência, quando surgiu a possibilidade de realizar um projeto de extensão pela Faculdade Cathedral, envolvendo a Diretora Pedagógica, a Coordenadora e duas professoras do Curso de Pedagogia, uma delas com significativa experiência prática com o processo de alfabetização.

A partir das primeiras discussões, o projeto começou a ser estruturado pelas duas professoras. Inicialmente, de forma tímida, mas, com o passar dos dias e da ampliação das discussões, ganhou mais consistência e evidência, principalmente com o envolvimento de dez



alunas do Curso de Pedagogia e de diferentes parceiros que foram se comprometendo com o projeto, para melhor atender as necessidades formativas dos professores alfabetizadores da Aldeia Meruri.

Logo no início do projeto, ocorreu a transferência de uma das professoras para o Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS/UFMT - mas o vínculo positivo com a Faculdade Cathedral e com o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica – CEFAPRO - fez com que se ampliassem as parcerias, principalmente com as formadoras que atuam no Projeto “Sala de Educador”², modalidade indígena do CEFAPRO. Assim, o projeto de extensão passou a compor a formação continuada dos profissionais da educação.

Além disso, a Secretaria Municipal de Educação de Barra do Garças/MT também entrou como parceira e assumiu o traslado das professoras e alunas do Curso de Pedagogia, que se deslocavam para a aldeia, uma vez ao mês, no período de abril a novembro de 2013. Os dois últimos encontros foram realizados na Faculdade Cathedral e contou com o apoio e dedicação da Assessoria Pedagógica de General Carneiro que se empenhou em viabilizar o traslado não somente dos alfabetizadores, mas de todos os profissionais da educação da escola e representantes dos pais e alunos da comunidade, a fim de que pudessem conhecer e estabelecer possíveis parcerias com os profissionais que atuam na UFMT, no Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT - e na Faculdade Cathedral. Além disso, todos foram conhecer a realidade da Escola Municipal de ensino Fundamental Waldízia Rêgo Flôres Lopes que atende as duas primeiras etapas da Educação Básica e desenvolve o projeto da horta escolar, coordenado pela Faculdade Cathedral.

A partir disso, esta produção tem como objetivo relatar a experiência de formação continuada, com foco na alfabetização, na perspectiva do letramento, com os professores da Etnia Bororo que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus, localizada no Município de General Carneiro/MT.

A formação dos professores estava prevista para uma carga-horária de quarenta horas, mas acabou perfazendo um total de sessenta, sendo que quarenta e oito delas foram presenciais e doze a distância. As últimas foram reservadas a leitura de textos, a elaboração de planejamento e material didático-pedagógico, entre outras atividades. A Faculdade Cathedral,

² - O Projeto da horta escolar foi criado e desenvolvido pela Faculdade Cathedral durante o ano de 2013. Sua execução contou com a parceria dos profissionais e acadêmicos de diferentes cursos da instituição.



proponente e principal responsável pelo desenvolvimento do projeto, responsabilizou-se pelas despesas com a refeição de todos os que participavam dos encontros formativos.

Assim, o projeto de extensão tinha como objetivo principal discutir com os professores que atuam no primeiro ciclo na Escola Estadual “Sagrado coração de Jesus”, localizada na Aldeia Meruri, a alfabetização, na perspectiva do alfabetizar letrando. Outros objetivos também fizeram parte do projeto: conhecer a proposta de alfabetização do Estado de Mato Grosso; compreender o processo de alfabetização das crianças indígenas; confeccionar material didático- pedagógico que auxilie no processo de alfabetização; realizar oficinas pedagógicas, envolvendo contação de histórias, técnicas de pintura, confecção de jogos, teatro e relacionar teoria e prática no processo de alfabetização.

Participaram da formação onze professores indígenas que estavam envolvidos direta e indiretamente com o processo de alfabetização. Desses professores, três atuam em salas anexas multisseriadas e ainda estão cursando a última etapa da Educação Básica, ou seja, o Ensino Médio. Dos demais, cinco possuem o curso de Pedagogia; um é especialista em educação indígena e uma professora que atua na Educação Infantil que concluiu o Ensino Médio, todos atuando na escola da Aldeia Meruri.

Além dos professores indígenas, participaram dez alunos que frequentam o terceiro e sétimo semestres do Curso de Pedagogia, que se revezavam nas viagens; duas professoras que eram responsáveis pelo planejamento e mediação pedagógica das atividades, sendo que uma era docente da Faculdade Cathedral e a outra do Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICHS/UFMT. Todos os encontros contaram com a presença das formadoras do CEFAPRO, responsáveis pela organização e acompanhamento da “Sala de Educação” na Escola Estadual “Sagrado Coração de Jesus”.

No decorrer do desenvolvimento do projeto, os professores da Aldeia Meruri sugeriram que alguns encontros fossem realizados em Barra do Garças, uma vez que gostariam de conhecer outras realidades. Havendo concordância das partes envolvidas, reservamos dois encontros que foram realizados na Faculdade Cathedral e, também, no Campus Universitário do Araguaia-UFMT. A vinda para essas instituições envolveu todos os profissionais que atuam na escola, representantes de alunos e membros da comunidade Bororo.

Os dados para elaboração deste artigo foram levantados por meio de diálogos informais, avaliação dos encontros, registro de falas e depoimentos dos professores, entre outras atividades, durante o período de desenvolvimento do projeto.



É importante registrar que, durante décadas, a educação escolar, na Aldeia Meruri, ficou sob a responsabilidade da “Missão Salesiana” que, desde o início do século XX, se instalou na região com o objetivo de “[...] desenvolver um trabalho educativo-pastoral em conjunto”³. Em 1903, foi criada a atual “Escola Sagrado Coração de Jesus”, com o ensinamento de Português, Matemática, Ciências e Práticas Agrícolas para os meninos e oficinas de tecelagem para as meninas.

A Missão Salesiana implantou o ensino e dirigiu a escola por muitas décadas. Somente em 2011 os representantes da missão, na Aldeia Meruri, decidiram se afastar das atividades escolares e entregaram à comunidade indígena a responsabilidade pelos rumos da Educação Básica. Durante os anos em que estiveram sob a gestão da Missão Salesiana, os professores reproduziam uma concepção de educação impressa pela referida missão, ou seja, um ensino que visava, prioritariamente, a preparação dos homens para o acesso ao ensino superior, tanto que muitos professores que atuam na escola cursaram o ensino superior na Universidade Dom Bosco, situada na cidade de Campo Grande/MS.

Segundo os relatos dos professores, a ênfase da educação escolar na aldeia ainda está muito pautada na preparação dos jovens para ingresso no ensino superior. Isso tem causado certo conflito, tanto para os profissionais que atuam na escola quanto para a comunidade que ficou, durante décadas, sem participar do processo decisório que dizia respeito à educação sistematizada dos próprios filhos. Por um lado, a educação tem contribuído pouco, pois uma minoria consegue ingressar no ensino superior e, quando se forma, dificilmente retorna para sua comunidade e, por outro, os que não ingressam no ensino superior ficam sem perspectiva de vida e acabam seguindo caminhos pouco promissores.

Essa realidade tem feito com que os profissionais da educação, juntamente com algumas lideranças da comunidade, busquem alternativas que permitam possibilidades, principalmente para os jovens, seja para prosseguir os estudos e/ou para se dedicar a outras perspectivas de vida na própria aldeia.

A conjuntura política, econômica e social tem exigido das diferentes instituições de ensino uma educação que atenda às necessidades de uma sociedade em constante mudanças. Isso não tem sido diferente em relação à alfabetização que, em seu percurso histórico, tem revelado uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e,

³ - Fonte: <http://www.missaosalesiana.org.br/missoes.php?tipo=obras&id=26>. Acesso em: 28 jun. 2013.



consequentemente, metodológicas. Em função disso, os alfabetizadores estão sendo constantemente desafiados a recriar o processo de alfabetizar.

Nas últimas décadas, as discussões acentuam a perspectiva do letramento, o que faz com que os professores e acadêmicos dos cursos de licenciatura discutam essa concepção de conhecimento e, consequentemente, de alfabetização. Nesse sentido, a ênfase se volta para o alfabetizar letrando, com todas as exigências de mudanças que devem ocorrer nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

O método utilizado pauta-se no ensino que prioriza o mais simples, para chegar ao mais complexo, ou seja, ensinam-se, inicialmente, as vogais, as consoantes simples, depois, as mais complexas e, por último, a escrita de palavras, frases e pequenos textos, geralmente descontextualizados da vida das crianças.

Esse método está relacionado à forma tradicional de alfabetizar e prioriza a memorização, a repetição, a codificação e a decodificação da escrita. A educação dos alunos se dava de maneira descontextualizada, comprometendo a prática social da escrita e da leitura. Ainda em relação à soletração e silabação, Carvalho (2005) pontua que essa forma de proceder separa os processos de alfabetização e letramento, assumindo o pressuposto de que a compreensão da leitura vem depois da aprendizagem do processo de decodificação. Assim,

O ensino tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a ‘decifrar um código’ a partir de uma sequência de passos/etapas, para só depois se ler efetivamente, não garante a formação de leitores/escritores. (ALBUQUERQUE, 2007, p.18)

Para superar essa concepção de alfabetização é de fundamental importância discutir os fundamentos teóricos do alfabetizar letrando e, também, realizar formações envolvendo as diferentes linguagens, a fim de que os professores possam compreender a função das linguagens na organização e na compreensão da realidade.

Vale reforçar que é por meio da alfabetização, na perspectiva do letramento e da apropriação da linguagem, que o homem é capaz de abstrair, formular e desenvolver novas habilidades e conhecimentos. Assim, pode-se dizer que a formação continuada visava discutir outras perspectivas de alfabetização que contribuíssem com a compreensão da realidade e posterior intervenção nela. Conforme afirmam Wallon cf Mahoney e Almeida (2000), é no meio físico e social que a educação encontra a alternativa de sua realização e o saber escolar não pode se isolar desse meio, mas nutrir-se das possibilidades que ele oferece.



Assim, a compreensão de alfabetização e letramento se torna mais evidenciada, quando os professores são capazes de incentivar a criança a ler e escrever, usando as habilidades em práticas sociais. Para isso, é imprescindível considerar os eixos mais relevantes para a apropriação do processo de alfabetização, segundo Brasil (2007): compreensão e valorização da cultura escrita; apropriação do sistema de escrita; leitura; produção de textos escritos; desenvolvimento da oralidade. É na perspectiva do alfabetizar letrando, isto é, na prática da leitura e da produção de textos, com fim social, que a proposta de formação continuada para os alfabetizadores da aldeia Meruri foi sendo estruturada.

Inicialmente, buscamos conhecer um pouco do processo de alfabetização utilizado pelos professores para poder discutir outras perspectivas de ensino e aprendizagem das crianças, a fim de que pudessem se apropriar e fazer uso dos conhecimentos escolares, em diferentes contextos da prática social. Pelas conversas informais e pelo acesso ao material utilizado na escola, pudemos identificar que o método de alfabetização que orientava a prática dos professores era o “Sistema Interativo Bleecker-Scotti de Alfabetização”. O referido método, embora tenha sofrido algumas adequações, mantinha uma forte relação entre imagem (desenho) e escrita, ou seja, conservava os traços do desenho original. Diante disso, iniciamos o planejamento de uma formação continuada que tinha como preocupação significar o processo de alfabetização, tanto para professores quanto para os alunos. Para isso, elaboramos uma proposta em que as histórias infantis, o lúdico (materiais didático-pedagógicos) e o teatro estariam presentes.

Para intervir na prática pedagógica dos professores, buscamos fundamentação nos estudos de Freire (1998), Ferreiro (2001), Galvão e Leal (2005), Soares (2006), Lerner (2002), entre outros que dizem que, de uma forma ou de outra, a sociedade vive em constante mudança e a educação também precisa acompanhar as transformações e se adequar a elas, pois as exigências aumentam, tanto em relação ao uso das informações que circulam com velocidade quanto com o uso da escrita, nas práticas sociais. Sendo assim, para que a escola possibilite a aprendizagem da leitura e da escrita aos alunos, faz-se necessário:

[...] preservar na escola o sentido que a leitura e a escrita têm como práticas sociais, para conseguir que os alunos se apropriem delas, possibilitando que se incorporem à comunidade de leitores e escritores, a fim de que consigam serem cidadãos da cultura escrita. (LENER, 2002, p.18)

A formação pautou-se na concepção de conhecimento segundo a qual, para se alfabetizar letrando, é imprescindível:



[...] propor atividades que valorizem os conhecimentos e vivências dos estudantes e promovam um contato organizado e constante com os diferentes textos e leituras, possibilitando que a criança se aproprie, analise, compreenda e faça uso dos códigos no contexto sociocultural. (MATO GROSSO, 2012, p.16)

Para isso foram propostos leitura e estudo de textos que tratam da alfabetização na perspectiva do letramento, planejamento de aula, fazendo uso de diferentes jogos, dobraduras, histórias que permitem a recriação do processo de alfabetização por parte dos professores.

Em relação ao alfabetizar letrando, Albuquerque e Santos dizem que é necessário:

[...] oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabética. (ALBUQUERQUE, SANTOS, 2007, p.98)

No que se refere à formação, é possível dizer que os professores faziam pouco uso de atividades lúdicas para estimular a leitura, como: a contação de histórias, o teatro de fantoche, a caixa de contar histórias, entre outras, que poderiam fazer com que os alunos sentissem prazer em ler.

Ouvir histórias é uma experiência agradável e proveitosa, sob diversos pontos de vista. Mesmo que, eventualmente, alguma palavra não seja compreendida pela criança, o importante é que ela seja capaz de seguir o fio da história, que a leitura lhe dê prazer, que a faça pensar, faça sonhar. Esta é a maior riqueza da literatura infantil. (CARVALHO, 2005, p.88)

Se as crianças podem ter deixado de compreender algumas palavras que perpassam a literatura, o mesmo se pode dizer em relação aos professores em formação, mas, o mais importante é que conseguiram compreender a lógica das mudanças em relação ao processo de alfabetização, na perspectiva do letramento. Mesmo que as discussões ainda careçam de mais consistência teórica, em função do pouco tempo e também porque alguns profissionais atuam na alfabetização, sem terem tido uma formação para desempenhar a função de alfabetizadores, sabemos que fez muita diferença para a sua formação, tanto que algumas verbalizações expressam essa compreensão: “Eu faço curso, mas o conhecimento ‘passa por cima’, não chega na nossa prática. Agora eu estou conseguindo trabalhar com os alunos o que estou aprendendo na formação”. (Professora S., durante encontro realizado em 06 de junho de 2013)



A fala da professora indica que é necessário planejar as tarefas e refletirmos, juntos, as diferentes possibilidades de ensinar, de forma interdisciplinar. Além disso, é necessário um tempo de estudo para realizar as leituras de textos, discutir dúvidas, socializar o que está sendo feito, refletir sobre novas possibilidades de ensinar e aprender, relacionar escola e comunidade e significar os conhecimentos, para que façam sentido para quem ensina, mas, principalmente para quem aprende. Se os alunos estavam desmotivados, logo nos primeiros anos de escolarização, e as professoras atribuíam isso ao método adotado, os resultados mostram que a mudança nas práticas de ensino pode ser disparador importante para fazer com que os alunos entrem em atividade de aprendizagem. “Os alunos estão gostando mais de vir para a escola [...] antes era mecânico e não se discutia por que e para que se ensinava”. (Professora E, durante encontro realizado em 06 de junho de 2013)

As falas mostram que o ensino e a aprendizagem dos envolvidos no processo – professores e alunos – dificilmente os faziam refletir sobre a utilização dos conhecimentos na prática vivida. “Nós temos dificuldade de encontrar uma metodologia para ensinar. Eu ensino como aprendo [...] eu não tenho a capacidade de criar e encontrar uma saída para resolver [...]” (Professor M, durante encontro realizado em 06 de junho de 2013)

Isso fazia com que os professores priorizassem o uso do quadro para passar tarefas a serem resolvidas e copiadas nos cadernos, pelos alunos que se mostravam desmotivados em aprender os conhecimentos escolares. Vale ressaltar que a maioria dos professores possui uma escrita que causa admiração pela perfeição dos traços e isso acaba refletindo na escrita das crianças, embora, como se refere uma das professoras, faça pouco sentido, porque se deixa de estabelecer relações com o contexto de uso social do que se aprende.

Uma das professoras que possui formação em Pedagogia e alfabetiza, há mais tempo, relata aos colegas que, antes de discutir sobre a importância das histórias e dos preparativos para contá-las, pegava o livro com as histórias do povo Bororo e lia para as crianças, que acabavam se dispersando e conversando paralelamente. Depois, passou a contar as histórias – muito longas - de forma mais resumida e a falar algumas palavras em Bororo. As crianças passaram a participar e a se envolver com as histórias, inclusive, representando diferentes personagens. Conclui dizendo: “Agora eu estou investigando e aprendendo mais sobre as nossas histórias para poder ensinar”. (Professora E, durante encontro realizado em 06 de junho de 2013)



Essa mesma professora construiu um painel com diferentes animais, que fazem parte da cultura Bororo, e escreveu o nome de cada um na língua materna. Foi interessante que ela anotou, a lápis, a pronúncia, para poder ensinar, uma vez que está aprendendo a pronúncia da língua materna para poder ensinar para as crianças. Esse desejo de aprender e ensinar tem motivado os professores a estudar a língua do povo Bororo que deixou de ser ensinada, tanto na educação informal quanto na formal, por entenderem que contribuía pouco para o processo de aprendizagem, escolarização das crianças e jovens e para a vida, de forma geral. Era preciso aprender a língua do não índio - o português. Para alguns indígenas mais antigos na aldeia, a língua materna era e ainda é vista como um ‘estorvo’ e, por isso, deveria ser esquecida.

Felizmente as mudanças pela qual a escola está passando e o convívio com outras realidades têm feito com que os professores percebam a importância da língua para a identidade do povo Bororo e eles têm se empenhado em aprender a língua, para poder ensinar na escola, onde, atualmente, é possível identificar vários espaços nomeados na língua materna. Isso tem motivado professores e alunos a buscar aprender mais, não somente a língua, mas também a respeito da cultura do povo.

Chamou a nossa atenção a fala de um dos professores, que se dizia muito surpreso, ao perceber que a maioria dos alunos que frequentava o quarto ano do Ensino Fundamental desconhecia os nomes dos animais que vivem nas redondezas da aldeia e que durante décadas alimentaram o povo Bororo. Ele trouxe esse acontecimento para fazer uma reflexão a respeito do ensino que pouco tem contribuído para estabelecer relações com o contexto cultural e histórico.

Isso nos remete à fala da professora “S”, quando diz: “[...] agora está mais interessante, vocês estão vindo e dando mais ideia e isso chama mais a atenção os alunos. Vocês vêm e fazem a gente se desenvolver mais”. (Professora S, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013)

O ensino, ministrado de forma empírica, fragmentada e pontual, deixava de levar em conta a interdisciplinaridade, ou seja, o ensino de um determinado conteúdo, a partir da perspectiva de diferentes disciplinas. Além disso, havia pouca preocupação em dar significação aos conteúdos ensinados, a fim de que pudessem fazer sentido para as crianças. Daí se explica a desmotivação reclamada por parte dos professores.

A possibilidade de recriar a prática pedagógica nos remete aos estudos de Nóvoa (1995), quando diz que a formação do professor não é qualquer coisa prévia à ação, mas está e



acontece na ação. Entende-se, assim, que a formação se torna efetiva quando produz mudanças, por meio de uma intervenção que requer a participação consciente e o compromisso do formando e do formador para conseguir os objetivos explicitados, por meio de ações teóricas e práticas.

Quando da vinda dos profissionais da educação, representante de aluno e da comunidade para a formação em Barra do Garças, foram planejadas atividades diferenciadas, ou seja, um grupo se dirigiu para o Campus do Araguaia para uma discussão com os professores do ICHS e IFMT, e o grupo envolvido com a formação em alfabetização desenvolveu atividades na brinquedoteca da Faculdade Cathedral. Nesse espaço, tiveram a oportunidade de conhecer diferentes jogos e brinquedos confeccionados pelos alunos do Curso de Pedagogia e de discutir muitas possibilidades que podem contribuir com o processo de alfabetização das crianças.

O espaço simples e acolhedor da brinquedoteca fez com que algumas professoras se emocionassem com o que viram e por terem compreendido que era possível tornar o ensino mais prazeroso para as crianças. A fala dos professores nos fez entender que o pouco para alguns se torna a realização para tantos outros.

Agradeço a oportunidade de estar aqui [choro e emoção], nós estamos alienadas. Saímos pouco da aldeira – os homens saem mais do que nós – e agora estou realizando um sonho. Sei que nós não vamos fazer igual, mas vamos tentar fazer diferente. Eu quero melhorar, mas não sabia como e eu não estava me sentindo bem com isso. Essa ‘vinda’ foi a realização de um sonho. (Professora E, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013)

Para mim é um sonho. Eu fiquei com o nome de ‘pidona’, mas nós conseguimos vir. Para mim está muito enriquecedor. As crianças vão aprender melhor [pausa]. (Professora S, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013)

Eu não tive formação para transmitir para os alunos, não tive nada [formação] para saber ensinar. Eu preciso o que você já tem [...]. Esta manhã foi muito prazerosa e que as nossas aulas também sejam. (Professor F, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013)

Uma das professoras disse: “Agora eu estou criando mais e isso é resultado de nossa formação”. (Professora A, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013) e mostrou o painel que havia desenhado e ilustrado com as dobraduras que havia aprendido no encontro anterior. As formadoras aproveitaram a oportunidade para discutir com os



professores possíveis atividades que poderiam ser realizadas a partir do painel, dentre as quais a produção de textos, criação de histórias, lista de nomes, sons, escrita, educação ambiental, entre outras.

Esse exercício fez com que os professores percebessem a importância e a necessidade de planejar as aulas. Isso ficou expresso na fala do professor que diz: “Hoje foi importante discutir sobre planejamento e vimos mais concretamente como planejar e temos tarefa para fazer em casa e isso é importante”. (Professor F, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013)

Durante os encontros todos nós aprendemos muito, mas algumas falas ficaram na nossa memória.

Muito me orgulha de ser Bororo. É importante ter isso como referência [...] e dizer que somos responsáveis pela educação do nosso povo. (Professor C, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013);

Chegou o momento de construirmos a nossa história de educação. (Professor M, durante encontro realizado em 15 de agosto de 2013)

Os professores sabem da responsabilidade que possuem em relação a seu povo, uma vez que, durante décadas, ficaram sob a ‘tutela’ da Missão Salesiana e hoje buscam construir uma educação que expresse verdadeiramente os anseios e desejos do povo Bororo.

Nesse contexto, os não índios precisam ter a sensibilidade, a cautela e a responsabilidade de serem mediadores no processo de ensino e aprendizagem, sem determinar o que é melhor para um povo que busca, no passado, as bases para se reencontrar com a cultura que foi sendo subsumida, no decorrer da história de contato com o não índio. É importante dizer que não se trata de julgar o que aconteceu ao longo da história, mas de permitir que cada povo preserve sua cultura, religiosidade e modos de vida.

Além disso, discutem possibilidades, adquirem, produzem e utilizam diferentes materiais didático-pedagógicos como recurso para o processo de aprendizagem dos alunos.

Em síntese, o desenvolvimento do projeto de formação continuada junto ao povo Bororo foi um desafio, principalmente, por termos pouco conhecimento da cultura da etnia. Se, por um lado, isso era um ‘obstáculo’ para os mediadores não indígenas, por outro, constituiu-se em um rico aprendizado, dificilmente encontrado nos livros que tentam registrar a riqueza cultural do povo Bororo. Vivenciar como acontecem as relações culturais, a circulação de saberes escolares e não escolares, o espaço de diálogo – ver, ouvir, fazer e falar



pacientemente o que foi planejado e estruturado mentalmente - requereu um exercício difícil para quem se constituiu em uma cultura na qual predomina o falar em detrimento do ouvir, do dizer o que fazer, ao invés de construir junto, além de protelar na realização das ações, ou seja, de deixar de fazer valer o que foi decidido entre os pares. Nesse viés, a nossa participação na formação dos profissionais, principalmente em relação aos professores da etnia Bororo, tem nos levado a estudar muito mais sobre o(s) outro (s), a fim de conseguir mediar as relações pedagógicas e sociais, para que ambos se constituam como sujeitos da práxis educativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz, MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL. **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bâ-bê-bi-bô-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GALVÃO, Andréa, LEAL, Telma Ferraz. Há lugar para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as). In: ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz; MORAIS, Artur Gomes. **Alfabetização: apropriação do sistema alfabético**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; LÚCIO, Iara Silva. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009.

MATO GROSSO, Secretaria do Estado de Educação. **Orientações Curriculares: Área de Linguagens: Educação Básica**. Cuiabá: Defanti, 2012.



MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Henri Wallon**: psicologia educação. São Paulo: Loyola, 2000.

PAIVA, Aparecida; RODRIGUE; S, Paula Cristina de Almeida. Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades. In: CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: CEALE, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.